

Na educação, pompa sem circunstância

Claudia de Souza *

Causam preocupação a campanha publicitária e as declarações dos últimos dias do governo de São Paulo a respeito de seus planos para a educação.

Com pompa e circunstância, anuncia-se que a rede de ensino público do estado será premiada com a contratação de 20 mil funcionários administrativos já concursados: "Professores, inspetores de classe e outros funcionários", diz a campanha.

Além disso, promete-se uma verba adicional de Cr\$ 27 bilhões para reformas e reparos. Menciona-se também uma comissão técnica para estudar diretrizes para reformar o currículo.

O governo estadual parece ter ouvidos surdos para o que já é consenso entre especialistas. A questão crucial na educação hoje não é aumentar o número de funcionários ou escolas mas investir na qualidade do ensino.

A rede primária precisa de professores com salários mais altos, esquemas de treinamento sérios e eficazes, tempo para planejamento e coordenação pedagógica. E talvez também de autonomia para os diretores gerirem suas verbas.

Acena-se também com o velho atrativo, o dinheiro



do Banco Mundial. Seriam US\$ 245 milhões a serem aplicados no ensino de 1º grau na região metropolitana de São Paulo. A comissão do Banco Mundial está chegando para os "ajustes finais". Poderá, porém, dizer o que todos se recusam a ouvir.

Num seminário promovido pelo Banco Mundial no Rio de Janeiro no final de março, com o tema "Educação, Crescimento e Desigualdade no Brasil", a principal conclusão prática a que chegaram especialistas estrangeiros e brasileiros foi exatamente a necessidade de concentrar esforços — e os poucos recursos disponíveis — na qualidade dos quadros e das escolas que já se têm.

A comunidade brasileira que trabalha em educação ou se preocupa com o assunto produziu vários artigos veiculados na imprensa a respeito desse seminário. Como num telefone sem fio, os argumentos giraram sempre em torno de uma questão específica: a cobrança de taxas nas universidades. Ignorou-se a discussão principal, da reforma do ensino brasileiro em todos os níveis, passo essencial para, no longo prazo, o País assegurar o crescimento e menos desigualdade social.

O Banco Mundial está de volta ao centro da discussão, desta vez para dar credibilidade a promessas futuras.

* Editora sênior deste jornal.